



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO PARA O GERENCIAMENTO DA INFORMAÇÃO - ETIGI

FERNANDO ANTONIO FERREIRA DE SOUZA

LEITURA NA INTERNET:
UMA ANÁLISE SOBRE A LEITURA E LEITOR EM AMBIENTE DIGITAL

FORTALEZA

2005

FERNANDO ANTONIO FERREIRA DE SOUZA

LEITURA NA INTERNET:

UMA ANÁLISE SOBRE A LEITURA E LEITOR EM AMBIENTE DIGITAL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação para o Gerenciamento da Informação, como requisito para obtenção do grau de especialista.

Orientadora:

Profa. Dra. Lídia Eugênia Cavalcante.

FORTALEZA

2005

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S725 Souza, Fernando Antonio Ferreira de.

Leitura na Internet: uma análise sobre a leitura e leitor em ambiente digital / Fernando Antonio Ferreira de Souza. – 2005.

31 f.

Monografia (especialização) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências da Informação, Fortaleza, 2005.

Orientação: Profa. Dra. Lídia Eugênia Cavalcante.

1. Leitor. 2 Tecnologias de Informação. 3. Leitura. 4. Internet. I. Título.

CDD 025

RESUMO

Faz-se uma abordagem da leitura em meio digital. Investiga-se o processo de interação do leitor navegador no ambiente da internet e suas implicações no processo de plugar-se ao meio. Perpassando pela dinâmica de interação desse leitor com o meio digital, analisando, para tanto, influências desse meio, com seu caráter interativo, na construção de competências, sentidos e significados no modo de vida desse leitor.

Palavras-chave: Leitura. Internet. Leitor. Tecnologias de Informação.

REZUMEN

Se hace una abordagen de la lectura en medio digital. Investigase el proceso de interacción del lector navegador en el ambiente de la Internet e sus implicaciones en el proceso de conectarse al medio. Abordando la dinámica de interacción deste lector con el medio digital, analizando, por lo tanto, influencias deste medio, con su carácter interactivo, en la construcción de competencias, sentidos e significados en el cotidiano dese lector.

Palabras-clave: Lectura. Internet. Lector. Tecnologias de Información.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	INTERNET: A RELAÇÃO HOMEM-TECNOLOGIA	6
3	LEITURA NO ESPAÇO DIGITAL: RECONFIGURAÇÕES DO TEXTO E OUTRAS CONFIGURAÇÕES DE LEITOR	11
4	LEITURA E NOVAS TECNOLOGIAS: NAVEGANDO EM DIRÇÃO AO CONTEXTO ESCOLAR	17
5	LEITURA E INTERNET: O QUE PENSAM E O QUE FAZEM SEUS LEITORES	22
5.1	Leitura de livros e outros impressos	22
5.2	A leitura na Internet	23
5.3	Democratização da Internet	24
5.4	Implicações no acesso (facilidades e dificuldades)	25
5.5	Objetivos do acesso	26
5.6	Visão do usuário sobre a Internet	27
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende conduzir a uma análise da leitura na *Internet* e suas implicações. Perpassando pela dinâmica de interação do leitor com o meio digital. Para tanto, analisaremos a leitura no ambiente digital que implica um entendimento do funcionamento da linguagem na *Internet*, com formas linguísticas, que surgem das práticas discursivas na comunicação mediada por computador.

Abordaremos o surgimento de um novo leitor, nesse contexto, de multiplicidade de leitores existentes fora e além do livro. O que salta para a superfície das telas eletrônicas, o leitor das arquiteturas de hipermídia, das imagens da computação gráfica, o leitor navegador. Que se distingue dos outros por seu caráter revolucionário, por assim dizer. Aquele que navegando na tela do computador apropria-se do meio, estando sempre em estado de prontidão. Conectando-se a “nós” e *links*, traçando um roteiro multilinear, multi-sequencial, labiríntico, em que ele vai ajudando a construir, mediante a interação com os nós e signos (imagens, texto, vídeo, sons).

O intuito de abordar este tema surgiu através da evidência do fenômeno da leitura na *internet* e o leitor-navegador. Numa reflexão de como se dá a leitura em meio eletrônico, bem como as implicações ao leitor no processo de “navegação” e interação com o meio.

Esta monografia se deu através de estudos bibliográficos sistematizados, sendo enriquecidos com a realização de pesquisa de campo. A estratégia de pesquisa utilizada para a elaboração foi desenvolvida baseada em pesquisas bibliográficas em livros, artigos, teses. A pesquisa de campo se deu a partir de questões enviadas via *e-mail* (por ser um meio mais rápido de obter resposta) a um grupo de 30 pessoas da área acadêmica, escolhidas aleatoriamente, entre funcionários e acadêmicos. Afim de que se possa conhecer o que fazem os leitores na *internet*, o que pensam sobre essa ferramenta, o que buscam. Foram enviadas questões que tratavam de aspectos sobre: Como o usuário vê a leitura de livros e outros impressos; sua visão da leitura na *internet*; opinião do usuário sobre a *Internet*; a democratização da *internet*; as dificuldades de acesso; a finalidade de utilizar a *Internet*.

O primeiro capítulo versa sobre a temática do ciberespaço e considerações acerca desse espaço digital. Buscando contextualizar a relação homem-tecnologia. O capítulo dois apresenta em seu bojo a explanação da leitura no espaço digital e o processo de interação do

leitor nesse ambiente. Considerações acerca da leitura, buscando contextualizá-la no ambiente digital. Abordando também os diversos tipos de leitores.

O terceiro capítulo vai tratar das questões acerca da leitura no contexto escolar frente às novas tecnologias. O capítulo quatro diz respeito à leitura na internet e o que pensam e fazem seus leitores. O quinto capítulo traz as considerações finais da pesquisa.

Utilizamos como marco metodológico: SANTAELLA, Lúcia., nas obras intituladas: Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura; navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. SILVA, Ezequiel Theodoro, A leitura nos oceanos da Internet; BARROS, Francisca da Rocha, A Escola e a formação do sujeito-leitor; CHARTIER, Roger, A Aventura do livro: do leitor ao navegador; LÉVY, PIERRE, Cibercultura e “Simulações” in “Cibercultura”; TOJAL, Marcyette Callado, Reflexões sobre a importância do ato de ler; KLEIMAN, Ângela.. Texto & leitor: aspectos cognitivos da leitura, dentre outros.

2 INTERNET: RELAÇÃO HOMEM-TECNOLOGIA

Significantes mudanças ocorreram na civilização no limiar do processo de aprendizagem da comunicação pela humanidade. A fala é um fator preponderante nesse desenvolvimento, em que tornou possível a troca de ideias. Com o aprendizado da escrita, as ideias foram armazenadas e preservadas para as futuras gerações. Com a invenção da imprensa, ideias e informações circularam meio a pessoas e povos longínquos.

Hoje nos deparamos com a *Internet* que, desde o seu surgimento, vem se revelando como um inesgotável arcabouço de conhecimento e informações. Há informação, por vezes, de qualidade ou não, há muito “lixo”, informações que não são pertinentes à pesquisa. Com o passar do tempo, a rede mundial de computadores, foi evoluindo, de forma surpreendente, sobretudo, no que concerne aos mecanismos de busca da informação. O que veio propiciar a seus usuários acesso a um montante informacional inimaginável. Todo esse contexto de transformações tecnológicas se revela como um determinante de mudanças nos hábitos de leitura dos usuários da informação na *Web* (*Wide Word Web*).

Assim, percebemos certa distinção entre o leitor da *Web* e o leitor de livros (impressos). Em que, o primeiro, com um mundo ao seu alcance, basta um clique, para estar conectado a um ambiente de hipertextos. Ao passo que para o segundo, se apossa de uma outra realidade, notadamente diferente da anterior, em que percebemos, além de outras características, a postura e o comportamento diante do item impresso, frente a uma outra interface.

A Internet, à medida que se expandiu nesses último dez anos, foi propiciando a construção de espaços de interação, com seus mecanismos de circulação de informação mediada por computador. Culminando no que hoje chamamos de ciberespaço, com suas interfaces gráficas que, por meio de periféricos como o *mouse*, o usuário pode imergir no ambiente de simulações, no mundo virtual. Concentrando várias mídias, o espaço digital, possibilita uma nova modalidade de leitura, conseqüentemente um novo tipo de leitor, o leitor- navegador.

O ciberespaço se apresenta como “o universo das redes digitais”, um ambiente informacional de encontros, aventuras e conflitos mundiais, em que percebemos o surgimento da produção de uma nova e diversificada fronteiracultural, econômica e política, com sua realidade multidimensional, de característica virtual, globalmente em rede. Sustentada, pois, e tendo como veículo de acesso o computador.

No ciberespaço, a informação transita à velocidade da luz. As reações motoras, perceptivas e mentais também se fazem acompanhar por uma mudança de ritmo que é visível na agilidade dos movimentos multidirecionais, ziguezagueantes na horizontal, vertical e diagonal com que o olhar do infonauta varre ininterruptamente a tela, na movimentação multiativa do ponteiro do *mouse* e na velocidade com que a navegação é executada. (SANTAELLA, 2004, p. 181-182).

A Rede digital nos apresenta diversificadas e crescentes tecnologias virtuais, oferecendo janelas de acesso aos ambientes ciberespaciais. Nos quais, os usuários se sentem presentes, ainda que as coisas não se apresentem de forma física, mas em dados, bits, bytes, partículas de luz, que vão simulando ambientes em que os seres humanos passam a interagir.

Nos dias de hoje, o ciberespaço está sedimentado sob um nome genérico, referindo-se a um conjunto de tecnologias que se diferem, sendo para nós, algumas familiares, outras com disponibilidade recente, outras em desenvolvimento e, outras funcionais. Todas elas nos revelam uma característica em comum: a de apresentar uma habilidade de simular ambientes de interação humana, “mediada por computador”.

Segundo Santaella, (2003, p.100) o ciberespaço é equivalente à Realidade Virtual, ou seja, [...] “um sistema que fornece um sentido realista de imersão em um ambiente. Trata-se de uma experiência multimídia visual, audível e tátil gerada computacionalmente.” Nesse contexto, o ambiente digital vai sendo usado de maneira ampla, na construção de ambientes urbanos, em que são simulados lugares de encontro de cibernautas, revelando-se como novas formas de socialização: um exemplo, as comunidades virtuais, que brotam nesses ambientes digitais interligados por uma rede computacional, a Internet. Nesse contexto, os usuários podem se sentir habitando os mesmos quando se movem através das interfaces, em um mundo de relativa dependência, com regras e dimensões, próprias. À medida que o indivíduo vai se habituando a uma interface, mais vai se sentindo imerso no ciberespaço.

A capacidade de navegar não se assemelha às habilidades de ler ou de escrever. Implica um outro tipo de alfabetização, mais propriamente semiótica, pois o alfabeto das interfaces é semioticamente complexo implicando uma compreensão geral do modo de operação do computador. Essa semiótica, ou seja, a ação dos signos nesse ambiente, implica mais do que a simples capacidade do usuário para acioná-los, e, mais do que isso, pressupõe um entendimento *in totum*. (SANTAELLA, 2004, p. 101).

Constitui-se esse ambiente, para tanto, num espaço de busca da mensagem, tendo a máquina como ferramenta para a construção do conhecimento, das amplas redes

interdisciplinares, em que o ser humano se constrói como indivíduo e grupo capaz de uma superação do conflito pela cognição. Capaz de formar e transformar, sendo coautor da história, usando a mídia tecnológica digital para construir a mensagem, para construir sentido.

Muitas mudanças ocorridas na sociedade se deram com o surgimento da Internet, com sua forma de comunicação mediada por computador. Para os mais jovens na faixa etária entre 10 a 15 anos, já adaptados à mudança causada por este novo meio, é difícil imaginar o mundo antes da Rede das Redes. São inúmeros os benefícios advindos com as tecnologias da informação. Sem muito esforço, as crianças digitam algumas palavras e, logo o resultado de uma pesquisa que parecia antes extremamente trabalhosa, lhes chega como que num passe de mágica.

Não há mais tempo para contemplação. A rede não é um ambiente para imagens fixas, mas para a animação. Não há mais lapsos entre observação e a movimentação. Ambos se fundem em um todo dinâmico e complexo. O automatismo cerebral é substituído pela mente distribuída, capaz de realizar simultaneamente um grande número de operações. Observar, absorver, entender, reconhecer, buscar, escolher, elaborar e agir ocorrem em simultaneidade. (SANTAELLA, 2004, p.182).

Podemos, então, considerar como pontos positivos da Internet essas facilidades. Quanto aos aspectos negativos, as mesmas podem acabar por causar certo acomodamento nos usuários, que na maioria das vezes não leem o conteúdo do que pesquisaram, limitando-se a uma ação de formatar o texto pesquisado, entregando-o aos seus professores. Cabe, então, aos pais mais do que nunca, aos educadores, um acompanhamento das crianças, bem como, dos leitores em idade escolar, incentivando-os a ler. Contudo, não podemos deixar de atentar para o fato de que “[...] esse vasto hipertexto conhecido como Internet não existe primeiramente para produção e fazer circular a informação, mas para gerar e fazer circular capital econômico e simbólico.” (BELLEI, 2002, p.130).

Toda a informação eletrônica encontrada nas malhas da rede é convertida em dinheiro. A rede, mais do que uma democracia do conhecimento, tornou-se um cibermercado de informação, produtos e serviços. E tendo como suporte o computador, ferramenta que tornou possível a consolidação das novas tecnologias eletrônicas, que “[...] chegou, não apenas para ficar (o que é inegável), mas também e principalmente para tornar a nossa vida e vida social melhores [...]” (BELLEI, 2002, p. 127). Mais do que nunca, tecnologia passou

aser sinônimo de progresso, propiciando conforto e produtividade aos indivíduos.

[...] o uso de computadores cresce rapidamente no Brasil, aumentando a rede de usuários e, ao mesmo tempo, impondo modos de aprendizagem, atualização e trabalho que não eram conhecidos há poucos anos atrás. Hoje, a exigência de manejo computacional é colocada como pré-requisito para uma significativa gama de empregos e serviços. Além disso, surgem diferentes tipos de aprendizagem, como o *e-learning*, somente possíveis e passíveis de dinamização em decorrência das características da máquina e dos programas que estruturam as mensagens e que correm por meio dos mecanismos inerentes a essa máquina. (SILVA, 2003, p. 15).

Hoje, informação e conhecimento estão mais disponíveis do que em outros momentos da nossa história. Podendo ser acessados por qualquer pessoa, de qualquer parte do mundo, bastando para isso ter acesso a um computador e um conhecimento prévio da linguagem informática. Contudo, não esqueçamos a problemática do acesso à informação e inclusão digital, que estão no bojo dessas transformações tecnológicas. A tecnologia vai impondo ao ser humano, ao passo que vai transformando o mundo, seus próprios padrões. Em que o indivíduo passa, então, a viver, avaliar, discernir, sentir, a partir desses padrões. Esses revelando critérios pautados em atividades de racionalidade, perpassando pela utilidade, eficiência, a produtividade e lucratividade.

Para Rodrigues (2001, p.103), “A tecnologia é uma nova forma de ver o mundo, de ver as coisas. É uma nova forma pela qual o “Ser se desvela.” Sendo, pois, “[...] um desvelamento de inúmeras possibilidades de ser que não eram antes percebidas.” Assim, “[...] pela tecnologia o homem passa a ver o mundo de outra forma.” Paulatinamente, o mundo vai sendo moldado, transformado, numa perspectiva tecnológica. As coisas passam a ser vistas como uma potencial fonte de energia e de riqueza a serem exploradas e armazenadas.

No entanto, é necessário, um reconhecimento do papel desempenhado pela tecnologia e, o quanto ela mesma não é somente o conhecimento e o reconhecimento do conjunto de interligações e instrumentos que estão disponíveis ao nosso alcance. Revelando-se, portanto, como algo que nos transforma e nos convida a ter um novo olhar diferenciado, uma nova visão de mundo. Em que o processo de transformações tecnológicas impõe suas exigências, à medida que se desenvolve. Conseqüentemente, o indivíduo vai se adaptando, em sua maioria, voluntariamente.

Nesse contexto de desenvolvimento tecnológico, alguns autores como Rodrigues (2001, p. 107), levantam questionamentos acerca da tecnologia, em que a mesma não estaria “a serviço de uns em prejuízo de outros, [...]” constituindo-se “[...] como obra da criação do homem, em instrumento de escravização de muitos por alguns poucos?” Para o autor ora

citado (2001, p.108) “[...] ou a tecnologia está a serviço do homem, libertando-o, ou está a serviço de alguns para escravizar outros, ou ainda, estaremos todos condenados a servi-la.” Mas, que tem gerado novos comportamentos sociais, culturais e cognitivos, isso é fato. Ela nos revela, ou a encaramos como uma panaceia para a resolução dos mais diversos problemas, quer seja “[...] proporcionando conforto e libertação progressiva de doenças, do trabalho, da luta pela sobrevivência [...]”, ao passo que “[...] cria as mais desfavoráveis condições para um viver autêntico, [...]” quer seja, oferecendo-nos “[...] as maiores tentações de inautenticidade.” (RODRIGUES, 2001, p.111).

Assim, “[...] estamos hoje a caminho de sermos totalmente subjugados pelos padrões impostos pelo processo tecnológico e tudo o que não se subordinara seus valores será considerado inútil e perda de tempo.” (RODRIGUES, 2001, p. 111). Em que percebemos as influências desse processo, por exemplo, na indústria do lazer com seus parques temáticos, pacotes turísticos, cinemas, espetáculos, viagens, etc.

Deparamo-nos com a crescente indústria da moda, da cosmética, do esporte, do prazer, numa multiplicidade infinita.

Por motivos práticos e porque a família não dispõe mais nem de tempo nem de espaço físico, as crianças nascem, não mais em casa, mas em hospitais, administrados segundo os critérios tecnológicos da eficiência. Como em uma fábrica. A educação é realizada não mais em casa, os bebês vão para a creche e as crianças para a escola, as quais, por sua vez, são planejadas com os padrões de eficiência. Como fábricas. As pessoas, sem tempo, entregam o gerenciamento do seu tempo a consultores que o organizam da maneira melhor e mais eficiente. Para que nada se perca. Tudo é terceirizado, é a indústria dos serviços. Para economizar tempo. Para que não se perca tempo. Tudo tem horário, para o máximo tempo de eficiência. Pois tudo e todos têm que ser produtivos. (RODRIGUES, 2001, p.111).

Isto posto, percebemos que as transformações tecnológicas que seguem na direção da sociedade da informação, estão em estágio avançado nos países industrializados. As mesmas constituindo-se numa tendência dominante até mesmo para economias menos industrializadas, o que, portanto, vai definir um novo paradigma, o da tecnologia da informação, com a presença determinante da transformação tecnológica e suas relações com a economia, a cultura, a sociedade.

3 LEITURA NA INTERNET: RECONFIGURAÇÕES DE LEITURA E TEXTO E OUTRAS CONFIGURAÇÕES DE LEITOR

A leitura, em si, não se trata tão somente de decodificação de som e letra, mas de compreender e dar significado ao que se está lendo. Implica, portanto, fatores que irão influenciar nesse processo de compreensão. Segundo Kleiman (2002, p.15) a leitura,

[...] é um processo que se caracteriza pela utilização de *conhecimento prévio*: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento prévio do leitor não haverá compreensão.

A partir do surgimento dos livros ilustrados e, posteriormente, o surgimento dos jornais e revistas, o ato de ler deixou de se restringir a somente decodificação de letras e, sim, veio também agregando um relacionamento entre palavra e imagem, tamanho de tipos gráficos, desenho, texto e diagramação. Foi com o surgimento e expansão dos grandes centros urbanos, bem como, a explosão da publicidade, que o escrito, junto à imagem, se pôs ante nossos olhos, no cotidiano, através de embalagens de produtos, cartazes, sinalizações de trânsito, estações de metrô, ponto de ônibus, etc. Um leque de situações cotidianas em que vamos perceber que a prática do ato de ler dá-se de maneira, por vezes, automática, que não nos damos conta. Desse modo, segundo Santaella (2004, p.17):

[...] não há por que manter uma visão purista da leitura restrita à decifração de letras. Do mesmo modo que o contexto semiótico do código escrito foi historicamente modificando-se, mesclando-se com outros processos de signos, com outros suportes e circunstâncias distintas dos livros, o ato de ler foi também se expandindo para outras situações.

Nesse contexto, é natural que o conceito de leitura não deixe de acompanhar essa expansão. A autora ora citada nos chama a atenção para o fato de que há diversos tipos de leitores. Uma multiplicidade que ao longo da história vem aumentando. Temos o leitor de imagem, de jornal, revistas, da cidade, dos signos, de gráficos, do cinema (o leitor espectador) da imagem em movimento. Para tanto, veio se somar, atualmente, a esse quadro, o leitor das imagens da computação gráfica; o leitor das “imagens evanescentes”, do texto escrito nas telas do computador.

Esse mesmo leitor que está “transitando pelas infovias das redes, constituindo-se em um novo tipo de leitor que navega nas arquiteturas líquidas e alineares da hipermídia no

ciberespaço.” (SANTAELLA, 2004, p. 18). A autora extrai dessa multiplicidade de leitores, três tipos principais, a saber: o leitor contemplativo, o leitor movente e o leitor imersivo. Todos eles considerados no que a autora vai chamar de perfil perceptivo-cognitivo, característico a eles. Com suas habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas, que são pertinentes aos processos do ato de ler.

O leitor contemplativo ou meditativo remonta à idade pré-industrial, da era do livro impresso, da imagem expositiva e fixa. É o leitor do Renascimento, perdurando até meados do século XIX. Já o leitor movente (SANTAELLA, 2004, p.24) é aquele do mundo em movimento, um mundo dinâmico, híbrido, em que os signos se mesclam. Caracteriza-se como o leitor da Revolução Industrial, inserido no contexto do aparecimento dos grandes centros urbanos. Esse mesmo leitor nasce com a explosão do jornal, a fotografia, o cinema, atravessando a era industrial e com suas características básicas, presenciando também a eclosão da revolução eletrônica, em que se revela o apogeu da televisão. O leitor imersivo, (SANTAELLA, 2004, p.31) se revela como aquele leitor que emerge dos “novos espaços incorpóreos da virtualidade.” Caracterizando-se por seu mergulhar no oceano dos hipertextos e hipermídias, presentes na *Wild, Word Web*.

Essa sequência histórica dos três tipos de leitor, de maneira nenhuma, vai invalidar a outra, ao contrário, mostra-se como algo cumulativo, conquistado pela cultura humana. Há, segundo Santaella (2004, p.19-20) uma “convivência e reciprocidade entre os três tipos de leitores” destacados pela autora citada, considerando-se que “cada tipo continue, de fato, sendo irreduzível ao outro, exigindo, aliás, habilidades perceptivas, sensório-motoras e cognitivas distintas”.

Entendemos que, não restam dúvidas, hoje há toda uma conjugação de computadores, espaço virtual e hipertexto que deu origem a um novo suporte de texto e leitura, o eletrônico/virtual. Nesse suporte, constituído na tela do computador, encontramos a hipermídia que se assemelha aos nossos pensamentos, mente e cérebro, com seu dinamismo e não linearidade, que vai percorrendo nosso sistema nervoso e todo o corpo sempre se integrando e interagindo no todo. Montamos uma linearidade sequencial que se entrelaça num complexo emaranhado multidimensional. Em que as transações de informação e conhecimento não param de se desenvolver.

[...] no contexto comunicacional da hipermídia, o infonauta lê, escuta e olha ao mesmo tempo. Disso decorre não só desenvolver novos modos de olhar, não mais olhar de maneira exclusivamente óptica, como também ler de uma maneira nova e aprender cada vez com mais velocidade, saltando de um ponto a outro da

informação, formando combinatórias instáveis e fugazes. (SANTAELLA, 2004, p. 182).

Assim, a leitura na *Web*, implica outro conceito de leitura, pois, se configura outro tipo de suporte, bem como, outro tipo de texto, com uma mixagem de linguagem, escrita, sons e *links*. Com sua linguagem via computador, com interfaces que exercem papel fundamental num processo de intercompreensão, o leitor tecla e navega em um ambiente inteiramente virtual, com determinadas características (velocidade, multiplicidades de pessoas que se interconectam), e funções as quais são pertinentes às condições que implicarão na construção do discurso, impressões imagéticas que cada sujeito faz acerca de outros conhecimentos pontilhados e todo o movimento do fio que conduz a conversação.

[...] a produção e a circulação de textos virtuais trazem grandes desafios para a educação formal das novas gerações. Ainda que esses textos sejam produzidos por meio da escrita, o que recoloca a importância do seu domínio (da *escrita*) num mundo que, até recentemente, tendia à hegemonia das imagens da televisão, eles se apresentam dentro de um suporte específico (a tela do computador) e adquirem configurações únicas, permitindo, por exemplo, as ações de interatividade por parte do leitor e as múltiplas possibilidades de trajetos de leitura pelas janelas dos hipertextos. (SILVA, 2003, p.14)

Na linguagem via computador, as interfaces exercem papel fundamental num processo de intercompreensão. O leitor tecla e navega em um ambiente inteiramente virtual, com determinadas características e funções as quais são pertinentes às condições que implicarão na construção do discurso, a saber, velocidade, multiplicidades de pessoas que se interconectam, impressões imagéticas que cada sujeito faz acerca de outros conhecimentos pontilhados e todo o movimento do fio que conduz a conversação. Na linguagem expressa em determinados momentos do navegar no ambiente digital, como em *chats*, *e-mails*, percebe-se a presença de *emoticons* (pequenas imagens que podem ser usadas para expressar sentimentos e estados de espírito), abreviaturas e escritas que mesclam idiomas, onde se configuram como formas linguísticas.

Assim, vai se estabelecendo na rede maneiras novas de se comunicar pela comunidade usuária. Deparamo-nos, portanto, no âmbito da Internet, com esses fenômenos que se consolidam como novas formas de escrita, novas configurações do texto e da leitura, o que não se trata de transgressões e ameaças à língua sistematizada. Para Freire (2003, p.72):

A comunicação homem-máquina requer do primeiro um trabalho lingüístico-cognitivo, visando a tarefa a que se propõe. É necessário interpretar os recursos da interface, (re) conhecer suas funções, aprender como acioná-las. Isso não se faz sem a participação da língua, que, remetendo a sistemas de referências historicamente construídos, oferece ao usuário condições de interpretar e utilizar significativamente

o programa computacional: sua terminologia, ícones, janelas, funções etc.

Há que entender, no entanto, a estrutura da sistemática onde foi estabelecido o meio. Pois, sendo, segundo Amaral (2003, p.43) “[...] uma mídiade comunicação, [...]” em meio a outras, a *Web* “[...] funciona como elemento midiático da informação. Sua construção é feita para apresentação e disseminação de ideias. A leitura aprofundada se faz a *posteriori*.” Não se pode, por tanto, exigir por parte do leitor, uma visão crítica do conteúdo apresentado em 10 (dez) segundos, tempo considerável para se captar, segundo o autor ora citado, a informação na *Web*. Necessário faz-se uma compreensão do conteúdo da publicação, que não é um impresso, em meio eletrônico e, sim, uma nova forma de construção do texto. “Os benefícios do conteúdo hipertextual aprofundam a maneira de contextualizar a informação dirigida ao leitor. Não é somente linear, mas direcionada às habilidades dos leitores.” (AMARAL, 2003, p.43).

O leitor-navegador lida na Internet com múltiplas possibilidades de informações virtuais, explorando, por tanto, o “pensamento não-linear”, uma característica muito presente em nossa sociedade contemporânea, que nos apresenta um mundo marcado pela pluralidade.

Trata-se, na verdade, de um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada novo nó e nexos pode conter uma outra grande rede numa outra dimensão. Enfim, o que se tem aí é um universo novo que parece realizar o sonho ou alucinação borgiana da biblioteca de Babel, uma biblioteca virtual, mas que funciona como promessa eterna de se tornar real a cada “clique” do *mouse*. (SANTAELLA, 2004, p. 33).

A tela, segundo Santaella (2004, p.48), “[...] está estruturada em nexos (*links*) ou atalhos que, uma vez acionados, levam o usuário a saltar de uma página para outra, de um campo para outro, [...]”. O que vai se consolidar como um ambiente de hipermídia, uma linguagem inerente aos ambientes informacionais digitais. Os *links* remetem o leitor-navegador a uma multiplicidade de contextos, esses de caráter interativo. Para tanto, vai se exigir do mesmo um prévio conhecimento, implicando, segundo Santaella, (2004, p.48) numa “[...] alfabetização na linguagem da hipermídia que permite ler a versatilidade das interfaces povoadas de diferentes signos para compreender suas negociações interativas.”

[...] a navegação interativa entre nós e nexos pelos roteiros alineares do ciberespaço envolve transformações sensoriais, perceptivas e cognitivas que trazem conseqüências também para a formação de um novo tipo de sensibilidade corporal, física e mental. (SANTAELLA, 2004, p.34).

O que vai implicar, portanto, uma prontidão perceptiva, no que concerne a

deduções, induções e inferências mentais, acompanhadas de movimentações físicas, que vão refletir na dinâmica da leitura, exigidas do leitor- navegador, no ambiente hipermidiático. Efetivando-se, assim, o trânsito informacional, bastando, então, cliques no *mouse*, o que vai depender do leitor, ter uma “coordenação viso-motora”, implicando uma ação sobre o objeto.

[...] as atitudes e os comportamentos de leitura do texto virtual são diferentes daqueles resultantes das inserções com textos impressos. Tais diferenças situam-se em várias dimensões: das físicas (lê-se com o corpo na horizontal o texto na tela do computador e verticalmente na página do livro, por exemplo) até as atitudes (caso o leitor da linguagem virtual não seja seletivo frente ao imenso leque de ofertas da internet, é provável que ele se perca nos labirintos da informação.) (SILVA, 2003, p. 14).

Dentre o conjunto que Santaella, (2004, p.48) considera conhecimento prévio, há o linguístico, que é o conhecimento da língua nativa, do vocabulário, das regras da língua, sendo essencial para uma compreensão do texto. Quanto mais leitura o indivíduo tiver, mais possibilidade terá de assimilar e interpretar as estruturas textuais formal e não formal. O conhecimento destas estruturas do tipo discurso oral discurso escrito e discurso imagético criam no leitor uma expectativa mais acessível na compreensão da leitura codificada e decodificada.

[...] nas telas da hipermídia, a combinatória plurissensorial, que naturalmente nosso cérebro pratica para constituir suas imagens, tornou-se possível fora do cérebro, na medida em que essa combinatória é encenada na própria tela. É com ela que o leitor interage por meio do movimento nervoso do *mouse*. (SANTAELLA, 2004, p. 35).

No ambiente hipermidiático, o leitor imersivo vai colocando em ação outras habilidades de leitura, distintas das que são empregadas pelo leitor de texto impresso. Também são habilidades distintas das do receptor de imagens, do espectador de cinema, da televisão, etc. Assim, segundo Wirth (1998, apud Santaella, 2004, p.35) com a ação de se conectar na tela valendo-se.

[...] de movimentos e comandos de um *mouse*, os nexos eletrônicos das infovias, o cibernauta vai unindo, de modo a-seqüencial, fragmentos de informação de naturezas diversas, criando e experimentando, na sua interação com o potencial dialógico da hipermídia, um tipo de comunicação multilinear e labiríntica.

Com as já citadas habilidades perceptivas e cognitivas, o leitor estabelece uma impressionante e dinâmica interação com a máquina, quando familiarizado com o tipo de comunicação estabelecido através de vias labirínticas, as infovias. Santaella propõe que

[...] por trás da aparente imobilidade corporal do usuário plugado no ciberespaço, há

uma exuberância de instantâneas reações perceptivas em sincronia com operações mentais. Estão em atividades mecanismos cognitivos dinâmicos, absorventes, extremamente velozes, frutos da conexão indissolúvel, inconsútil do corpo sensorio-perceptivo à mente, sem os quais o processo perceptivo-cognitivo inteiramente novo da navegação não seria possível. (SANTAELLA, 2004, p.37).

Manipulando os signos, o leitor realiza por meio da linguagem o ato de refletir. Nessa ação reflexiva, interage em um processo semiótico, possibilitando processar as informações, fazendo suas interpretações. Neste contexto, ele não se atrela a caminhos lineares de leitura. Submetendo-se a “linkagens”, intervém, modifica, reescreve o texto lido, tornando-se coautor de novos textos, de novas interpretações. Ao “navegar” no ambiente digital, é conduzido a interagir com o que vê. Não pode simplesmente ter uma atitude de mero espectador diante da tela. Interage com o que vê, por meio das escolhas que se apresentam na mesma. Assim, previamente, se exigirá do mesmo “[..] ter aprendido os diferentes signos que se exibem na tela”. (SANTAELLA, 2003, p.48). Não obstante, sua atitude não deverá resumir-se em somente reconhecer, mas explorar o que lhe é apresentado no ambiente digital. E, para apropriar-se desse meio, o leitor utiliza-se de periféricos como o *mouse*, como já foi mencionado que por enquanto, é um meio de estabelecer uma interação, em que “mirando” nos signos que se apresentam na tela, uma vez que o usuário clica, permitirá o “transitar” de uma informação para outra.

Como percebemos, esses suportes virtuais vão ser determinantes na geração de novas organizações textuais, novas configurações visuais nas páginas, conseqüentemente havendo uma modificação na relação do leitor com o texto e seu significado. O texto adquire, portanto, novas expressões: movimento, imagens e sons. O contato corporal estabelecido com o manuseio de folhas de livros e jornais se perde por inteiro, apresentando um distanciamento no momento em que se lança mão de outros elementos como a tela, o *mouse*, o teclado, num gesto de configurar e modificar as páginas.

4 LEITURA E NOVAS TECNOLOGIAS: NAVEGANDO EM DIREÇÃO AO CONTEXTO ESCOLAR

Na sociedade da informação é mister da escola construir sentidos com base na informação e no conhecimento. Pois, a “autoestrada” da informação está cada vez mais presente na sociedade, cabendo, para tanto, às instituições educativas essa construção de sentidos, tendo como suporte a supracitada estrada, como ponte de significados, de sentidos, permitindo aos leitores-navegadores, “navegarem”, sem, no entanto, serem levados pela enxurrada de informações a fim de que, não congestionem sua visão de mundo. Mesmo com todo um caráter de interação e formação de mentalidades, ainda assim, as tecnologias de informação e comunicação não vão dispensar a formação escolar. Assim, é esperada da escola uma preparação do aluno para saber lidar com a renegociação dos significados, que por vezes, são veiculados nas mídias por intermédio da análise crítica. Para Silva (2003, p.53):

[...] o grande problema para a superação do analfabetismo digital e/ou para a aprendizagem do manejo de computadores pelas novas gerações reside num elemento-chave: o professor. Sem que o professor esteja objetivamente habilitado para o uso dos computadores, incluindo aqui o domínio dos principais programas e das principais linguagens para a produção/recepção de informações virtuais, serão mínimas as chances de uma socialização da Internet em nosso meio ou, se quiser, será muito lento esse processo, retardando sobremaneira o usufruto dos seus benefícios pela maioria da população brasileira.

De acordo com Brasil (1998), no que se refere ao aprendizado inicial da leitura afirma que “A escola vem produzindo uma enorme quantidade de ‘leitores’ capazes de decodificar qualquer texto, no entanto, com grandes dificuldades para compreender o que tentam ler.” E ressalta que é uma concepção equivocada a ideia de que “ler é tão somente decodificar, convertendo letras em sons.” Essa concepção, dentre outras, faz-se necessário ser superada tanto na questão do aprendizado inicial da leitura pelo aluno, bem como, em toda a extensão de sua escolarização. Em que a leitura dá espaço à compreensão do aprendizado, sendo, para tanto, uma consequência da ação e do ato de ler.

A escola deve participar do processo de mudanças, repensando as diversas questões provocadas pelo uso do computador: se as novas tecnologias trazem novas formas de ler, de escrever, de agir e pensar, a escola necessita discutir e entender o significado e as consequências desses fatos. Para tanto, faz-se necessário apoiar os professores na facilitação

dos novos instrumentos.

Não se trata de fazer de cada educador um especialista em informática, mas de criar condições para que todos possam se apropriar de sua utilização, de forma gradativa, segundo uma visão crítica da máquina; desenvolvendo atividades que permitam a discussão da melhor forma de empregar os recursos informatizados, analisando as características de cada disciplina e os referidos recursos informatizados. Conhecer e discutir experiências anteriores que possam demonstrar erros e acertos apoiando a análise e a decisão de cada professor e da escola. Desde a implantação e utilização em grande escala das novas tecnologias em especial o computador nas escolas brasileiras, esse processo vem sofrendo diversas modificações ao longo dos anos. No início a informática era utilizada como atividade fim, ou seja, ensinava-se conteúdo de informática, a partir daí passou-se a utilizar a informática como atividade meio, em que o computador é apenas uma ferramenta para auxiliar o professor em suas aulas nas diversas áreas do conhecimento, por essa razão surge a grande necessidade de preparar o docente para uma boa utilização do computador como atividade meio.

Um ponto muito relevante e que deve ser bem explorado, é a participação das universidades no processo da entrada das novas tecnologias nas escolas, principalmente o computador, como mais uma ferramenta. A universidade precisa formar seus alunos (futuros professores), já com uma visão crítica e como utilizar as novas tecnologias, visando a utilização do computador como mais uma ferramenta que venha nos auxiliar no processo ensino/aprendizagem e não algo que venha apenas mudar ou redirecionar o processo, sem ter a certeza de que seja mudança para melhorar por meio de uma visão crítica.

Nesse contexto, vemos como a informática vem trazendo sua significativa contribuição a partir do momento em que é levada ao contexto escolar, colocando o leitor em contato com informações e dados (através da internet) presentes em *sites*, em fóruns de discussões virtuais em que através de seus agentes escolares, possam viabilizar o diálogo, o debate, discussões de assuntos, em que haja questionamentos, despertando, para tanto, a atenção do leitor para outras formas de ler o mundo. A leitura na escola tem sido fundamentalmente um veículo de educação.

Assim, a fim de que se possa constituir também, em objeto de aprendizagem, faz-se necessário, que este ensino faça sentido para o aprendiz de leitura. Com uma atividade de leitura que responda do seu ponto de vista, à atividade de realização imediata entre

processo de ensino e aprendizagem. É preciso oferecer ao aprendiz inúmeras oportunidades de aprendizagem de leitura, estimulando procedimentos e instrumentos diversos que os bons leitores utilizam, culminando numa leitura que faça sentido. O aprendiz de leitura precisa ter contato com o mundo letrado. Não existe sociedade que não tenha como pilares desenvolvimentistas uma significativa produção de leitura. Para tanto, o advento da internet vem estimular e despertar a realização de leituras, constantemente, através de textos e imagens oferecidas em ambientes virtuais. A utilização da internet no contexto escolar, bem como, outros meios de comunicação digital por rede, já vem sendo utilizado para auxiliar no estudo de culturas diversas, discussões e debates sobre problemas sociais, na consulta de cientistas e autores, busca de informações em assuntos específicos, colaboração de jornal, etc.

Dessa maneira seus usuários aprendem a ler o mundo ao seu redor, sendo uma questão que diz respeito ao cotidiano de todos. Pois, o conhecimento procede de interações que vão se produzindo ao longo do caminho, numa relação de sujeito e objeto, havendo, portanto, uma interdependência. É no ato de conhecer algo que o sujeito se transforma e transforma o objeto, apresentando-se com outras características depois de conhecido. Nessa perspectiva, o indivíduo é considerado como um ser ativo e de relações, em que não se tem o conhecimento como transferido, depositado, nem mesmo inventado por ele e sim, construído nas interações estabelecidas com os outros sujeitos e com o meio. O sistema educacional não pode fugir e/ou se recusar à utilização dos instrumentos que a revolução informacional está trazendo para a educação através dos computadores.

Nesse contexto, cabe ao professor, promover e orientar os alunos para a leitura através de ações que levem a sentir necessidade de buscar informações, interagindo, pois, com os diversos suportes e instrumentos de leitura, seja em texto escrito, imagético, material ou virtual.

Existe uma falta de consciência de que o aluno precisa conviver com todas as formas de materiais que venham a estimular seu desenvolvimento pleno. O professor tem o papel de agente estimulador, criando no aluno o gosto pela leitura e interação com os meios digitais, numa prática de investigação que resulte na produção de conhecimento e consciência crítica. Por outro lado, o processo de acesso e aquisição do conhecimento, pode se constituir de um ato solitário.

A construção de sentidos vai implicar necessariamente uma interação, em que os

mesmos serão negociados com familiares, amigos, professores e os outros interlocutores dos textos e dos meios de comunicação. Na negociação de significados, implica valores. A sociedade cobra da educação escolar os valores considerados positivos para gerações posteriores. Para Amaral (2003, p.47) “[...] um novo conjunto de valores está surgindo no bojo dessas transformações no processo de comunicação, [...]” E, ressalta que, “Apesar das diferentes classes sociais, religião e perspectivas, alguns padrões de pensamento e ação emergentes ultrapassam as fronteiras nacionais, econômicas e sociais.”

Sabemos que atualmente, o domínio da leitura tem uma relevância inteiramente diversa daquela há cinquenta anos passados. Esse domínio tende a facilitar todos os outros conhecimentos que se busca. Hoje, a leitura, torna-se uma ferramenta indispensável à vida do cidadão na maioria das sociedades. Barros (2002, p.84) nos chama a atenção para o importante fato de que “a formação de um leitor deve primar por indivíduos capazes de compreender o mundo atual, leitores críticos, que desvelem os significados possíveis mascarados nos textos.” Sendo a escola, portanto, a responsável direta pelo ensino da leitura, cabe a ela implementar a construção de um espaço de reflexão, dando um novo direcionamento a essa prática, frente às novas tecnologias de informação. Em que, dependendo do processo de como for conduzida, irá transformar o aluno num leitor crítico. No entanto, não podemos deixar de considerar que é de extrema relevância um “projeto interdisciplinar de leitura”, em que professores de diversas disciplinas que compõem o currículo escolar, somem esforços na promoção da leitura, sem deixar, portanto, de contemplar objetivos específicos relacionados à sua disciplina, mas também, atentando para atividades que visem formar cidadãos.

[...] a textualidade digital, feita circular por meio de computador, muda significativamente a postura e o comportamento do leitor diante dos textos. Por isso mesmo, é de fundamental importância que a escola leve em conta essa mudança, quando do planejamento e execução de programas voltados à formação de leitores. (SILVA, 2003, p. 124).

Neste contexto, a escola é ou deverá ser espaço de construção de sentidos, tendo que ser cada vez mais de caráter interdisciplinar e, porque não, transdisciplinar. De maneira que, percebemos a dinâmica do conhecimento contemporâneo que vai ultrapassando as fronteiras “inabaláveis” do paradigma científico do século XX. Um exemplo é ver como se expressa a estrutura do hipertexto, já mencionado em texto anterior, em que vemos o estabelecimento de “links”, entre fatos de natureza distinta, representação de conceitos, linguagens que servirá de suporte à configuração de investigação, produção, intervenção real

ou mesmo simulação da realidade.

Na produção de conhecimentos significativos, o aluno precisa ser conduzido nas situações de aprendizado, a referir o que aprendeu na escola ao que foi vivenciado e observado de maneira espontânea. Daí a necessidade de uma abertura curricular para a vivência do aluno, bem como, para o conhecimento que ele está exposto fora do contexto escolar, carregado, pois, de informações que desconsideram fronteiras nacionais, culturais e etárias. Dessa maneira ele vai analisando, inferindo, prevendo, solucionando problemas, continuando o aprendizado, adaptando-se a mudanças, trabalhando em grupo, intervindo de maneira proativa e solidária no contexto social.

Com o conteúdo da aprendizagem, se faz necessário uma releitura dos significados, devendo importar menos a uma memorização e sim enfatizar a construção de competências que são necessárias ao ato de dar sentido ao contexto de vida. Tais competências, não por acaso, agregam valor ao trabalho, bem como, ao exercício da cidadania, na sociedade contemporânea afetada, então, pela revolução da informação.

5 LEITURA E INTERNET: O QUE PENSAM E O QUE FAZEM SEUS LEITORES

Objetivando conhecer a leitura na internet e como o leitor se apropria desse instrumento, utilizamos para coleta de dados questões enviadas por correio eletrônico, limitando-se os sujeitos da pesquisa a 30 da área acadêmica (funcionários e acadêmicos), escolhidos aleatoriamente e já conhecidos, que já haviam sido contatados e se mostraram dispostos a participar. Como todos os contatos estavam sendo feitos por correio eletrônico, decidimos por este meio para fazer a coleta de dados, devido a facilidade e rapidez para envio e devolução das questões. Foram lançadas perguntas abrangendo os aspectos:

- 1 - Como o usuário vê a leitura de livros e outros impressos;
- 2 - Sua visão da leitura na *internet*;
- 3 - A democratização da *internet*;
- 4 - As implicações de acesso (facilidades x dificuldades);
- 5 - Com que finalidade utiliza a *internet*;
- 6 - Visão do usuário sobre a *internet*.

De posse desses dados coletados junto aos sujeitos, à luz da metodologia escolhida, pode-se detectar o seguinte:

5.1 A leitura de livros e outros impressos

Na análise das respostas acerca da leitura de livros e outros impressos, e suas implicações, podemos verificar dados que vieram corroborar no estudo que nos propomos. Através da resposta de D. D., afirma que vê a leitura “Com grande prazer, adoro ler deitada e adoro o cheiro de livro novo. Gosto da possibilidade de manusear as páginas ao meu bel prazer, indo e vindo ou olhando duas ao mesmo tempo.” Já a informante L. L. afirma que “è importantíssima independente do suporte em que esteja. Acredito que para cada leitor existe o suporte que mais se adequa às suas necessidades. Pessoalmente as leituras em materiais

impressos são agradáveis e dão certa mobilidade ao leitor.” Foi possível identificar outras respostas como a de V. Q. “Fundamental para a construção de um ser humano consciente da realidade em que vive.” Para M. P. a leitura de livros e outros impressos é “Essencial para o desenvolvimento intelectual do indivíduo, creio que a tão chamada extinção da leitura impressa está longe de ser alcançada, pois o acesso ao material impresso é muito mais rápido e socializador em relação ao digital.”

No que concerne à leitura de livros e outros impressos, à mesma é dada uma maior importância, considerada como fonte de formação, obtenção de conhecimento, construção e desenvolvimento humano. Pois passa a ter um elemento diferencial, como a questão do conforto e mobilidade do leitor, dentre outras implicações. De acordo com os entrevistados, a maioria dá mais preferência a leitura em impresso, pois esta, oferece ao leitor mais comodidade, como já foi discutido anteriormente.

5.2 A leitura na Internet

Comparada à leitura em meio digital (Internet), de acordo com as respostas detectou-se que para o informante M. P. “É interessante a leitura na internet à medida que o leitor sabe delimitar o assunto pesquisado e obter assim aquilo de relevante, pois como se sabe a internet possui muita futilidade e deve-se ter o cuidado para filtrar apenas aquilo de importante na construção do hábito de leitura do indivíduo.” Já L. L. afirma que “A leitura na net, é também importante para mim. Na medida em que encontro algo que me prenda a atenção ou desperte interesse [...]. Porém, não gosto de leituras muito longas na net, com muitos hiperlinks. Gosto da leitura breve.” Para D. D., considera a leitura na internet “Cansativa! Apenas consigo ler textos curtos e durante um curto período de tempo. O brilho da tela cansa a vista, a posição (sentada) é desconfortável e convida a desconcentração.” Como percebemos, a leitura na internet, só é interessante se não exigir do leitor uma certa demora. O suporte em que ela está estruturada, por vezes, torna, para o leitor, uma leitura cansativa. E, se não há algo do seu interesse, este, como já foi mencionado em capítulo anterior, já muda, buscando outros *links*. A leitura no meio digital exige que a mente processe as informações de maneira diferente, numa velocidade muito maior e com um grau de superficialidade, por vezes, maior.

5.3 A democratização da Internet

Indagados acerca da questão da democratização da internet, através de sua resposta a informante D. D., afirma que “A idéia de que todos podem acessar é equivocada. Pesquisas e leituras demandam muito tempo o que implica a disponibilidade de acesso por longos períodos. Para tanto é preciso que a pessoa tenha micro particular e possa pagar pelos pulsos ou pela assinatura de internet a cabo. A alternativa encontrada por algumas pessoas é a utilização da net nas escolas e no trabalho que nem sempre permitem acesso irrestrito, por tempo irrestrito. Outra idéia difundida pela rede que julgo equivocada diz respeito a liberdade de expressão. Qualquer pessoa pode lançar seus conteúdos na rede, mas isso não garante a circulação. Por um lado, a publicação e a manutenção, de páginas não são tão simples ou baratas assim. Por outro lado, é preciso investir em divulgação destas páginas para que as pessoas possam saber que existem e acessar.” Para D. B., indagada se considera a internet democrática, afirma que “Sim. Levando-se em consideração que vc faz suas escolhas. Mas é preciso saber escolher.” Para o informante M. P. afirma que “Sim, como espaço de construção de opinião dos mais diferentes segmentos da sociedade a internet é um veículo de comunicação essencialmente democrático por sua natureza de liberdade de expressão. Desde que essa liberdade de expressão seja colocada a serviço do bem comum, diria, na construção de uma sociedade justa e igualitária.” Já outro informante diz que “Não como deveria, pois, ainda considero um serviço caro para a maioria da população brasileira.” S. V. Já V. Q. afirma que “Sim. Cada vez mais. Principalmente depois da proliferação dos blogs. Acredito que os blogs, no sentido da leitura, [...], é o que há de mais democrático. Porque o leitor sai da posição de passivo e se torna agente da própria história, por mais que seja um simples diário. E se observarmos, encontramos blogs de todos os tipos: divulgação profissional, poemas, diários, crônicas jornalísticas, autoajuda, religiosos...mas todos promovem um espaço de discussão sobre ideias. É um mundo agindo sobre o mundo.” De acordo com as respostas, percebemos que para uma parcela dos sujeitos consultados, há alguma característica democrática, no entanto, detectam-se lacunas, como os custos, que ainda são altos, equipamentos caros, etc., bem como a abrangência no meio rural. Apesar de todo o progresso da Internet, ainda deixa a desejar. Mas, há que considerar que a rede das redes, tornou-se um dos grandes

desafios para a humanidade desse novo milênio. Pode facilitar o acesso às fontes de informação, bem como, às informações, produtos e serviços nacionais e internacionais, agilizando o dia-a-dia, com “site” que disponibilizam serviços e atendimento ao consumidor, cidadão, bem como, um instigante ambiente de entretenimento e interação social.

5.4 Implicações no acesso (facilidades e dificuldades)

A ideia do acesso para todos é, por vezes, equivocada. No que toca a pesquisas e leituras mais demoradas, requer uma demanda de tempo considerável, implicando a disponibilidade de acesso por longos períodos. Para a informante V. Q., indagada sobre a facilidade de acesso, afirma que “Sim, para o povo urbano. No interior a realidade é outra. Quer dizer, também depende do desenvolvimento do interior. Mas para quem mora nas grandes cidades a internet a cada dia tem se tornado algo acessível por todos independentes da classe social. Algo que pode ajudar na comprovação dessas informações são sites de paquera. O MSN Paquera é gratuito, participo dele há alguns anos, e cada vez mais vejo pessoas com nível de instrução bem menor do que via antigamente. Claro, ainda não é Coca-Cola.” A informante D. B. quando indagada se considera a Internet de fácil acesso afirma que “Não. Por que só uma minoria da população do nosso país tem essa oportunidade. Para a maioria em geral a condição financeira é o grande entrave.” Já o informante M. P. afirma “ Sabe-se que nem todos tem acesso direto à Internet, apenas alguns que têm conhecimento do mundo virtual...principalmente as populações de baixa renda...mas percebe-se que cada vez mais atitudes concretas são realizadas da então chamada inclusão digital, creio que projetos como esses que se preocupam com a acessibilidade de populações carentes frente à internet são passos importantes na construção de uma internet mais social.” Já D. D. afirma que “O manuseio da internet se torna simples para quem tem a possibilidade de experimentar algumas vezes. Como tenho micro particular, meu maior empecilho é pagar a conta de telefone, o que torna meu uso restrito.” E a informante E. F. afirma em relação ao acesso fácil a internet, “Não para a população mais carente. Essas pessoas ainda estão precisando de saneamento público. As ações do governo para inclusão digital ~~ainda~~ não atingem a todos.” Quanto às dificuldades afirma E. F. que “No meu caso é falta de dinheiro para comprar um computador. Só tenho acesso a internet no trabalho. E é de fundamental

importância a utilização da internet no meu trabalho, aliás é essencial.”

Outro problema que esses leitores se deparam é o excesso de informação. O que dificulta a localização e seleção de materiais que realmente sejam pertinentes aos interesses dos mesmos. Uma enxurrada de “lixo eletrônico”, bem como, de páginas que não interessam na pesquisa, aparecem acada vez que se faz uma pesquisa.

5.5 Objetivos do acesso

De acordo com as respostas obtidas junto aos participantes da pesquisa foi identificado que no que concerne a objetivos do acesso a Internet, por parte desses leitores, os mesmos buscam informação, entretenimento, comunicar-se com os demais internautas. Para a informante S. V. busca a internet “Para falar com pessoas distantes e para fazer pesquisas. Visito sites de cinema, história do cinema, filmografia e temas econômicos também.” A informante D. D. afirma que realiza “Busca de artigos na rede, páginas informativas sobre assuntos de interesse, pesquisa bibliográficas em livrarias e bibliotecas a fim de estar atualizada com as publicações referentes aos assuntos que estudo.” Além de pesquisa a informante D. D. utiliza para “[...] trocar e-mail com amigos e familiares. Aqui uma grande vantagem da internet que permite o contato rápido e barato com pessoas que estão em outras cidades e países. Embora algumas pessoas esperem uma instantaneidade de telefone, o que, por vezes, já me causou problemas. Ex.: mandar e-mail em um dia marcando compromisso para o dia seguinte, sem levar em conta que em um curto espaço de tempo a pessoa podem acessar a rede.” O informante P. P. afirma que utiliza a internet para “atender meus clientes no trabalho, bem como, desempenhar minhas atividades na empresa, além de fazer pesquisas para meu conhecimento pessoal na minha área de formação profissional.”

Detectou-se, dos leitores entrevistados que, muito do que se recupera na busca de informação, vai depender da estratégia de busca estabelecida. O que vai exigir desse leitor um conhecimento prévio (já mencionado em texto anterior neste trabalho). Conhecendo o caminho para encontrar algo, fica mais fácil obter um resultado satisfatório.

5.6 Visão do usuário sobre a Internet

Com as respostas obtidas junto aos sujeitos da pesquisa foi identificado “A internet pode facilitar o acesso a informações e produtos internacionais, pode agilizar o dia-a-dia com sites de serviços e atendimento ao consumidor, cidadão (bancos, vendas, editais, etc.) e pode, parece ser o campeão, ser um interessante centro de entretenimento. Devo confessar que essa parte é a que menos me atrai, gosto das diversões mais antigas, como conhecer pessoas olhando nos olhos dela e conversar ao vivo enquanto partilhamos uma rodada de chope ou um sorvete. Apesar disso tenho amigos que encontram excelentes amigos na rede. Enfim, a internet tem mil e uma possibilidades, mas não podemos festejar as facilidades que ela traz sem atentar para os malefícios, como as fraudes de todos os tipos e as decepções que muitas pessoas também já experimentaram nas relações (amigáveis ou comerciais) que estabeleceram na rede.” Afirma D. D. Já para V. Q. “A internet é só um veículo a mais. Claro, um instrumento capaz de colocar você em contato com coisas que em outros tempos nem sonharia. Mas tão falho quanto quaisquer outros instrumentos de informação de massa. O suporte da internet muda a minha escrita, torna-se mais sutil. No meu caso, sempre procurei dizer isso tudo com poucas palavras, então, o suporte me auxilia nisso. Se o suporte muda a forma com que escrevo imagino como deve alterar a forma com que as pessoas leem. Quando passo muito tempo conectada eu me vejo incapaz, muitas vezes, de parar pra meditar ou me concentrar em alguma atividade por muito tempo, porque a mente assume um outro estado. “[...] é preciso que se façam políticas públicas que garantam o desenvolvimento sadio do homem com as novas tecnologias. Senão estaremos fadados a cumprir a trajetória traçada pelos filmes que retratam o futuro da humanidade, onde seremos vítimas de nossa própria criação.” A informante E. F. afirma que “[...] considero uma boa tecnologia. A questão do acesso para todos, depende do desenvolvimento do país uma boa distribuição de renda. Mas considero que as pessoas deveriam ser educadas a utilizar a internet. Essa educação deve vir de casa, escola e bibliotecas.” A informante S. V. considera “Excelente. Indispensável nos dias de hoje.” O informante M. P. considera relevante “a questão da rapidez e de certa forma a socialização do conhecimento a medida que o leitor tem acesso direto a mesma.” Para A. R. “Ela é o recurso mais moderno de informação utilitária da nossa época da informação, talvez nunca seja um recurso do conhecimento ou sabedoria, mas é para a informação.” Já para D. D. “É uma ferramenta que nos pode ser muito útil desde que bem utilizada.” Para L. L. “A internet apesar de todo o progresso, deixa muito a desejar. Como nada hoje é estático espero o

progresso em todos os sentidos. Que nos próximos anos ela seja intermediária do conhecimento em seus mais diferentes aspectos.” Para C. G. “É a melhor tecnologia já inventada até hoje para efeito de comunicação.”

Como percebemos, a internet, é hoje um instrumento que ajuda a conectar-se, de maneira instantânea e veloz. Ela é utilizada por muitos como uma fonte de informação utilitária. Na realização de pesquisa sobre assuntos de interesse, compras, transações bancárias, contatos com outras pessoas, formação de comunidades virtuais, envios de mensagens, conversas em “chats”, etc. Com sua rápida expansão seu uso foi se constituindo num fenômeno cultural. Há que considerar que, seus usuários são distintos dos não-usuários. Percebemos diferenças amplas como: capacidade de articular opiniões, estabelecer estilos de vida, reagir ao impacto das marcas, à definição de prioridades, de suas visões sobre a economia, às preferências políticas.

Percebemos que um aspecto essencial no contexto de leitura no ambiente digital, o ato de estar “plugado” e estar em contato com suas implicações de apreensão e uso da informação e do conhecimento, é o grau com que o sujeito verbaliza, desenvolve e expõe suas ideias e respostas a estímulos e questões que, de uma forma ou de outra são parte do seu cotidiano. Pois, “[...] a frequência de uso das redes e a prática consequente é um fator primordial para a aquisição da competência para navegar.” (SANTAELLA, 2004, p.65).

Consequentemente, toda “essa pluralidade de estímulos de conhecimento provavelmente os torna menos convencionais em suas preferências.” Ao passo que os “[...] não usuários são mais propensos a exibir visões estandardizadas comunicadas através da TV [...]” (Echegaray, 2003, p.25). Os usuários de Internet têm um diferencial predominante, eles se destacam por seu caráter de pioneirismo, que possibilitando uma abertura a novos estímulos. Pois está mais exposto a uma extensa gama de fontes de socialização, de informação. Apresenta uma visão geral dos meios e fins, o que vai possibilitar a realização de operações de navegação. Distinto do novato, que aleatoriamente, sem uma compreensão dos aplicativos necessários para cada estado. Ao passo que, o leigo, utilizando “regras situacionais”, vai resolvendo impasses que lhes aparece. Os não-usuários se destacam por seu caráter de apego aos “velhos costumes” revelando, portanto, um maior conservadorismo moral e de consumo, no que concerne às tradições sociais, bem como, o modo de se relacionar com a tecnologia, produtos e serviços em geral.

Segundo Echegaray (2003, p.25) “[...] existem diferenças importantes entre

usuários e não-usuários na capacidade de emitir julgamentos e formar e expressar preferências.” Essas diferenças, de maneira cumulativa e agregada, vão distinguir consumidores que conectam vontades e necessidades a produtos, preferência por marcas, de cidadãos proativos, sujeitos que se comportam de maneira participativa.

Neste contexto de uso da Internet, conforme Echegaray (2003, p. 26) “[...] encontra-se o grupo com maior probabilidade de identificar marcas e posicionar-se frente a aspectos básicos econômicos e políticos – pré-condições para escolher tanto produtos quanto ideias, serviços e programas de governo e, também, influenciar o resto da sociedade.”

Numa ação de tocar o equipamento (*mouse*), percebemos a concentração do poder háptico, bem como, do poder manipulatório de objetos que se apresentam na tela, produzindo, por meio dessa “palpabilidade manipuladora da mão” é produzido a impressão de um espaço, que se configura como o ciberespaço, já mencionado anteriormente. É exigido de o leitor movimentar-se no ambiente, buscar caminhos nesse sistema de signos e de rotas do mundo virtual. É preciso então navegar.

[...] a sensibilidade tátil concentra-se nas extremidades do corpo: mãos, pés, boca, e até mesmo língua. Não apenas dentre esses, mas dentre todos os sentidos do corpo, a mão desempenha uma função especialíssima. É o único órgão que é sensório, exploratório e, ao mesmo tempo, motor, performativo. Sente o ambiente e é capaz de agir sobre ele. O equipamento para sentir, tocar, apalpar é anatomicamente o mesmo equipamento para fazer coisas, manipular, fazer contato, agir no ambiente. (SANTAELLA, 2004, p. 50).

A autora ora citada nos chama à atenção para a sensibilidade do corpo que se desloca para a extremidade da mão. Nos chama a atenção para um fato interessante: a existência de três tipos de usuários, sendo, pois, o novato, o leigo e o experiente. O primeiro é aquele que teve experiências esgarçadas e, que quando em contato com a rede, apresentam uma certa desorientação e insegurança em relação à profusão de inúmeros signos apresentados na tela. Já o segundo, de posse de certo conhecimento específico em relação a alguns caminhos, vai procurando se virar, numa ação de tentativa e erro, para encontrar outros caminhos. Vai examinando a situação à medida que avança, eliminando alternativas falsas e fazendo a opção correta. Já o terceiro, vem de posse do conhecimento dos vários aplicativos, seguro na manipulação de ferramentas e comandos, fazendo isso de maneira desenvolvida e veloz. Sabe transitar “[...] pela rede com mais familiaridade em função da representação

mental clara que tem da estrutura, da qualidade e das idiossincrasias dos mecanismos de navegação.” (SANTAELLA 2004, p.66).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes de computadores podem ser vistas como as metáforas do nosso tempo, como passíveis de desencadear modificações nas relações pessoais. Por isto alguns autores sugerem que não seja considerada apenas como um bem de consumo, mas também nos seus efeitos de subjetivação, a proporção em que nelas estão embutidos valores que apontam novos rumos para aqueles que a utilizam.

Um ambiente de convergência das mídias, múltiplos meios, múltiplas leituras, múltiplos leitores, em que as novas tecnologias estão transformando os meios de produção dos livros e textos, convergindo palavra e imagem. E nos convida a reformulação de conceitos até então cristalizados, um exemplo, o do texto, que anterior a Sociedade da Informação, apresentava-se preso ao âmbito linguístico. Hoje, na era da informação, tem uma abrangência mais plenamente reconhecida, considerando, pois, que tudo é texto, não sendo mais o mesmo a exclusividade da palavra. Vão surgindo novas formas de leitura nas quais são construídas novas relações de espaço e tempo, aprendizagem. Novas maneiras de conceber as relações sociais, novas formas de interação, que vão interferindo, sobremaneira, no processo de comunicação entre as pessoas, bem como, no processo de aquisição e construção do conhecimento. Ao mesmo tempo, faz-se necessário, também se contrapor a uma visão idealista, não apresentando a internet como uma panaceia para os relacionamentos humanos e como solução para a exclusão social.

Nesse contexto, presenciamos o surgimento de um novo leitor. Um leitor que busca informação pelos meandros do ciberespaço. Esse leitor, que ao imergir no ambiente, é envolvido por uma “teia” digital, aonde vai encontrando caminhos que o levam a seu objetivo ou não. Tudo depende, também, do seu repertório cultural digital, ou seja, que ele já esteja aparelhado das estratégias e técnicas de navegação nesse espaço digital.

Tudo transcorre com muita rapidez e é preciso ser ágil para não perder a informação encontrada. Assim, este leitor, ao passo que a Internet se expande, vai construindo espaços de cultura, de uma nova cultura em meio digital, com seu caráter de interação. Onde a rapidez das transformações tecnológicas, bem como, a expansão da rede digital de comunicação, reflete nos comportamentos do indivíduo e sua cultura, engendrando assim, novos valores. O fator tempo é crucial, impõe, por assim dizer, ao indivíduo uma postura de “correr” para estar “plugado” ao mundo digital e o que ele oferece. Independente do suporte, a leitura continua sendo um meio necessário e essencial para compreendermos e sabermos atuar no meio social.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Sérgio Ferreira do. **Comentários:** sobre o texto do Professor Rubens Queiroz de Almeida. In: A Leitura nos oceanos da internet. Silva, Ezequiel Theodoro da. (Coord). São Paulo: Cortez, 2003.

BARROS, Francisca da Rocha. **A Escola e a formação do sujeito-leitor.** In: Desafiando os domínios da informação. TARGINO, Maria das Graças. CASTRO Mônica M. M. R. N. de. (Org.) Terezina: EDUFPI, 2002. p. 81-118.

BRASIL, Marcus Vinicius de Oliveira. Vida e Trabalho virtuais? **Revista da Faculdade Christus**, Fortaleza, n.4, p.135-141, jul./dez. 2003.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais:** língua portuguesa. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **O livro, a literatura e o computador.** São Paulo: Educ, 2002.

COSTA, Ana Maria Nicolaci da. Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito? **Estudos de Psicologia**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p.25-36, 2002.

Disponível em: www.scielo.br Acesso em: 04 mar. 2004

CHARTIER, Roger. **A Aventura do livro:** do leitor ao navegador. São Paulo: Imprensa Oficial, 1999.

ECHEGARAY, Fabián. Dimensões da cibercultura no Brasil. **Opin. Publica Oct.** 2003, v.9, n.2, p.20-45. Disponível em: <http://www.scielo.br>
Acesso em: 26 nov. 2004

FREIRE, Fernanda M. P. **Formas de materialidade lingüística, gêneros de discurso e interfaces.** In: SILVA, Ezequiel Theodoro (org.). A leitura nos oceanos da Internet. São Paulo: Cortez, 2003. p.65-88.

FERREIRA, Germânia Kelly Furtado; Fireman Elisabeth Gomes Pereira; FIREMAN, Jorge Eduardo Simões. O uso da Internet nos processos educacionais. **Revista da Faculdade Christus**, Fortaleza, n.4, p.91-100, jul./dez. 2003.

KLEIMAN, Ângela. **Texto & leitor:** aspectos cognitivos da leitura. 8. ed. -.Campinas: Pontes, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura:** teoria & pratica. 9.ed. São Paulo: Pontes, 2002.

LÉVY, PIERRE. **Cybercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, PIERRE. **“Simulações” in “Cibercultura”.** 2.ed.: São Paulo: Editora 34, 1999.

MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTIN, James-Hiper. **Documentos e como criá-los**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

OLIVEIRA, Alessandro Marques de. Jean Baudrillard e a internet: críticas ao niilismo do real e a excessiva valorização do virtual. **Revista Álvares Penteado**, São Paulo, v.5, n.12, p.39-45, ago. 2003.

RODRIGUES, Anna Maria Moog. **Por uma filosofia da tecnologia**. In: Educação tecnológica: desafios e perspectivas. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 75-129.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitorimersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro (org.). **A leitura nos oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003.

STERNBERG, Robert J. **Psicologia Cognitiva**. Porto Alegre: Editora Artes MédicasSul, 2000.

TOJAL, Marcyette Callado; CAMPOS, Maria José de Ribamar Araújo. Reflexões sobre a importância do ato de ler. **Trilhas**, Belém, v.4, n.2, p.22-28, dez. 2003.

O Desenvolvimento do Sistema Cognitivo da Criança e do Pré-Adolescente e os Novos Meios Eletrônicos Digitais.

Disponível em: <http://www.artzero.net/textos/pos%20gradua%E7%E3o.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2004.

MÁXIMO, Maria Elisa. **Novos caminhos de socialização na Internet: Um estudo das listas eletrônicas de discussão**. Florianópolis, 20 de maio de 2000.

Disponível: <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a7-memaximo.pdf>. Acesso: 26 nov. 2004. Trabalho apresentado no Fórum de Pesquisa 19 “*Cultura, comunicação e vida cotidiana*” da 22a.Reunião Brasileira de Antropologia.

Brasília (DF), julho, 2000.